

O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS TEXTUAIS

Gerson Sousa Félix TEIXEIRA (Universidade Estadual do Piauí)
Nathalee Paloma Souza VIEIRA (Universidade Estadual do Piauí)
Prof^a MSc. Rita Alves Vieira (orientadora)

RESUMO: é comum ouvir alunos dizerem que não gostam de ler e que acham desestimuladoras as aulas de Língua Portuguesa, as quais continuam sendo trabalhadas, na maioria das vezes, de forma tradicional. Baseado nesse pressuposto, o presente trabalho aborda as várias possibilidades de utilização dos Gêneros Textuais, destacando aqueles ligados a tecnologia digital, como instrumento didático para as citadas aulas, a fim de fomentar nos educandos o interesse pela leitura, contribuindo no desenvolvimento de competências comunicativas e textuais. Para a realização deste trabalho, utilizou-se uma abordagem teórico-metodológico de caráter exploratório. Para isso embasamo-nos teoricamente em Marcuschi (2000), Sarmento (2008), Koch (2006), Magalhães (2008), nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1999), Xavier (2005), Bakhtin (1992), Bagno (2007), Bezerra (2007) e Bronckeaert (1999).

PALAVRAS-CHAVES: Gêneros. Leitura. Produção.

1 Introdução

Segundo os parâmetros curriculares nacionais, doravante PCN's; documento que rege de forma mais específica as disciplinas existentes no currículo escolar; "o professor de Língua Portuguesa tem por objetivo transmitir ao aluno que a leitura pode ser fonte de informação, de prazer e de conhecimento", entretanto o que nos incomoda é a percepção de uma prática muito distante, na qual o educando não tem a motivação para ler um texto em sala e se o lê o faz por obrigação, distanciando-se de uma prática prazerosa, o que não contribuirá muito para a construção de um hábito de leitura. Possivelmente se os mestres utilizassem gêneros comuns utilizados pela sociedade e da vivência do educando, como exemplo, uma embalagem de produto comercial, uma propaganda, uma piada, dentre outros gêneros textuais, o ensino se tornaria muito mais dinâmico e contextualizado. Dessa forma, despertaria no aluno uma vontade maior em produzir seu próprio texto.

Os textos, nada mais são do que entidades que se materializam nos discursos, apresentando características sócio-comunicativas definidas por seu estilo, função, composição, conteúdo e canal. Entendê-los é essencial à própria compreensão da dinâmica da linguagem de maneira crítica, associando-a às relações sociais que a envolvem. Para Marcuschi (1999, p.7), a prática textual é tão antiga que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A. c., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.

Através desta análise histórica dos gêneros textuais, percebeu-se que muitos deles surgiram e surgem de acordo com as necessidades e atividades socioculturais de uma sociedade, o que é perceptível no contexto histórico atual, aonde a tecnologia vem expandindo inovadores meios de comunicações, tanto na oralidade quanto na escrita.

São muitos os gêneros textuais que circundam o cotidiano como os bilhetes, as cartas, canções, piadas, palestras, convites, recados, crônicas, notícias, enfim, são vários os enunciados linguísticos que compõem a vida humana, entretanto, apesar da existência de vários textos, percebe-se que a prática de muitos professores se resume apenas ao ensino gramatical da Língua Portuguesa de forma tradicional e distante dos discursos vivenciados pelos educandos. O jovem ao “teclar” em uma sala de bate-papo, ao publicar uma gama de textos na rede eletrônica e entre muitas outras formas, também está realizando uma produção textual, que poderia ser trabalhada pelos mestres em sala de aula. Além disso, outros suportes textuais tais como; a revista, o jornal, o Orkut, o blog, podem e devem ser trabalhados e aproveitados pelos professores como instrumento didático em suas aulas de Língua Portuguesa, visando um ensino menos estático e significativamente mais dinâmico, tornando assim maior o interesse dos alunos pela leitura e consequentemente pela escrita.

Em virtude do pressuposto tem se discutido que as práticas textuais dos professores de Língua Portuguesa na realidade escolar vêm se restringindo a aulas de gramática, nas quais os professores não contemplam as abordagens pertinentes aos gêneros textuais existentes atualmente nas relações interativas. O que acarreta a desmotivação dos alunos, os quais estão rodeados de novas tecnologias, se aproveitadas pelos educadores, tornariam as aulas mais funcionais e proveitosas. Segundo Bakhtin apud Marcuschi (1979, p. 3), “é na base de textos necessariamente realizados em alguns gêneros, que nos comunicamos no dia-a-dia, sendo estes uma boa entrada para composição e compreensão textual”. Dessa forma, o educador precisa trabalhar o conteúdo em que o aluno está inserido, para que este tenha um melhor rendimento na vida escolar e consequentemente não apresente tantas dificuldades de produção textual. Sabe-se que quando um aluno encontra-se de forma mais relaxada ou em situações contextuais e didáticas mais favoráveis consegue produzir, utilizando, para isso, os mais novos meios de comunicação, como a internet. E estes mecanismos são espaços que integram os gêneros textuais, o email, por exemplo, nada mais é do que o avanço tecnológico da carta, gênero significativamente incidente nas relações sociais e interativas de modo geral. Se as práticas textuais estão evoluindo para uma era mais tecnológica, a escola tem como postura imediata acompanhar este avanço, o que não está acontecendo na proporção necessária.

2 Fundamentação Teórica

Comumente na rua, em casa, no trabalho, em nossa vivência diária, estamos cercados de textos. Quando ouvimos a letra de uma canção, até mesmo, ao falarmos no telefone estamos a produzir, os letrados de ônibus, o texto publicitário, a notícia de jornal, a embalagem de um produto comercial, enfim, todas estas formas de comunicação possuem e tem uma intenção, a de comunicar ao homem o que lhe cerca, e fazê-lo compreender as diferentes formas de comunicação em cada contexto. Afirma (CEREJA e THEREZA, p.46-47, 2004) que:

Quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem, seja a linguagem oral, seja a linguagem escrita, produzimos certos tipos de textos que, com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo de linguagem e na estrutura. Esses tipos

de textos constituem os chamados gêneros textuais e foram historicamente criados pelo ser humano a fim de atender a determinadas necessidades de interação verbal.

Percebe-se, portanto, que um novo gênero pode surgir, outros podem desaparecer, uns sofrerem transformações, tudo isso porque os acontecimentos e os hábitos sociais engendram novas maneiras de interação verbal e ao nos comunicarmos escolhemos um gênero de acordo com a situação e com o momento histórico vivido. O pensamento de Bakhint, o filósofo da linguagem, é semelhante ao de Cereja, pois para ambos os gêneros textuais:

Estão ligados aos hábitos culturais (...). O homem através das diferentes maneiras de viver e interpretar o mundo influenciado pelos fenômenos históricos vinculados à vida, pelo trabalho coletivo, por formas de ações sociais, pelo dia-a-dia, está cercado de gêneros textuais. (Bakhint, 1992).

Dessa forma, é perceptível a grande área de atuação dos gêneros textuais no contexto histórico da atualidade, pois hoje vivemos em uma época de emergência de novos gêneros, como por exemplo, os gêneros digitais e os ligados ao cotidiano, como o bilhete, que apesar de toda a tecnologia em voga, continua presente na sala de aula. Muitos livros didáticos como os de Roberto Cereja, Leila Lauá, Thereza Cochar, já trazem a inserção deste assunto na metodologia de ensino. Embora muitos gramáticos como Lídio Tesoto, Norma Discini e Ulisses Infante, por exemplo, não abordaram em alguns de (seus) livros a definição de gênero textual. Visto o surgimento de novos gêneros, há uma necessidade maior dos livros didáticos acompanharem tais mudanças, um aluno deve estar bem informado, a nova linguagem, a informática, faz parte do cotidiano e do mundo do trabalho. Conviver com todas as possibilidades que a tecnologia oferece é um direito social, portanto, faz-se necessário trazê-lo para o campo escolar. Pois não cabe apenas ao aluno decodificar signos linguísticos e decorar regras gramaticais, mas essencialmente compreender e ver o meio social de uma forma crítica, associando a realidade a uma vinculação do compreender para o exercício do interpretar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais; “A língua deve estar situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está mergulhado. Não a língua divorciada do contexto social vivido.” A importância dos estudos dos gêneros nas escolas se dá pelo fato de muitos vestibulares estarem cobrando as competências relacionadas à tecnologia e ao contexto social. O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), de acordo com a matriz de referência 2009, proposta pelo Ministério da Educação, na competência de área o candidato à vaga deve: “aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida”.

Sendo assim, a práxis educativa da Língua Portuguesa deve estar direcionada não tão somente aos códigos regidos de regras, mas também à prática diária, levando em consideração os fatores sociais que a envolvem. Afirmam ainda os PCN's que a língua dispõe de recursos, mas a organização deles encontra no social sua matéria-prima que possibilita:

Considerar a língua (...) como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.

.....
A língua Portuguesa é um produto de linguagem e carrega dentro de si uma história de acumulação/redução de significados sociais e culturais.

A Língua Portuguesa, como instituição social abrange um conjunto de relações da vida humana, e o e-mail e muitos outros gêneros digitais, portanto, são gêneros textuais já que são produtos de linguagem e carregam dentro de si uma função sócio-comunicativa.

2.1 A Carta e o Bilhete, Gêneros da Sala de Aula

A carta é sem dúvida um dos meios de comunicação mais antigos do ser humano, desde que o homem descobriu e desenvolveu a escrita, este vem se comunicando por meio desta, seja para expressar sentimentos nostálgicos a amigos, ou para se comunicar com parentes distantes. Para Sarmiento (2008, p. 21-24): “A carta é um gênero textual que visa à comunicação escrita e pode ser de diversos tipos: carta pessoal ou familiar, de agradecimento, de reclamação, de amor etc.” Em todos os casos, o que se pretende é estabelecer um diálogo entre remetente e destinatário. Apesar da carta já não ser um meio tão frequente de comunicação, esta não pode deixar de ser citada, pois suas características influenciam outros gêneros emergentes como o e-mail. Na carta fazem parte da estrutura os seguintes elementos: local, a data, o vocativo, o texto e assinatura.

Junto deste gênero o professor pode ainda trabalhar outros, como é o exemplo do bilhete, que ainda é muito utilizado pelos alunos em sala de aula. Sendo possível trabalhar estes dois gêneros em sala de aula, a idéia expressa no papel esta circundada por normas gramaticais, produção textual, mecanismos que poderiam ser explorados pelo professor de forma mais contextualizada. O texto presente em uma carta ou bilhete escrito por um aluno no meio da aula pode ser avaliado pelo professor, debatendo ali o assunto gramatical passado, o contexto e até mesmo a interpretação daquele texto, tornando a aula bem mais proveitosa, despertando no educando a vontade de ler para escrever melhor.

2.2 O E-mail: Avanço Tecnológico de Gêneros Já Existentes

Em meio à infinidade de recursos textuais, nota-se o sobressalto dos gêneros digitais, que hoje são usados com frequência como fonte de pesquisa e informação, comunicando a alguém um assunto pessoal ou profissional. O e-mail, por exemplo, não é um gênero textual novo, criado “agora”, com suas características específicas, mas sim a inovação de outros gêneros, sendo que este se caracteriza essencialmente pela sua informalidade, onde a linguagem é adequada de acordo com seu interlocutor. Para Sarmiento (2008, p. 25-27):

E-mail é uma mensagem enviada e recebida através de um sistema de correio eletrônico. Como é utilizada em diversas situações comunicacionais, formais e informais, a linguagem pode variar. Tem a estrutura-padrão da carta e, em geral, os parágrafos são curtos.

A estrutura do e-mail pode ser aproveitada em sala de aula, já que este agrega características da carta, do memorando, do bilhete, da conversa face a face e até mesmo da interação telefônica. O e-mail não apresenta uma estrutura-padrão, pois pode variar de interlocutor, entretanto apresenta geralmente certas semelhanças à carta, como: vocativo, texto, despedida, e assinatura e ainda possui características peculiares. Inferi-se que um professor pode trabalhar em sala de aula, comparando-o com o bilhete ou até mesmo a carta,

ressaltando seu conteúdo, além é claro de traçar um paralelo entre a linguagem formal e informal.

2.3 O Orkut

O Orkut é uma ferramenta utilizada pela maioria dos jovens e por pessoas de outras faixas etárias. Hoje se estima que milhares de pessoas sejam usuárias dos famosos orkuts, virou até moda fazer parte desse mundo digital, onde se conhece amigos, participa-se de comunidades, enviam-se recados e depoimentos, em síntese, onde há o exercício implícito da escrita. O jovem muitas vezes está a escrever e nem se dá conta disso, entretanto, deve-se levar em consideração que a linguagem da internet, o “internetês”, pode ser prejudicial ao aluno que pode adquirir a prática de escrever esta “nova linguagem”, prejudicando-o assim em outras situações de comunicação de escrita formal. O professor deve mostrar ao aluno as múltiplas realizações da linguagem, e que não existe uma forma certa e outra errada, mas sim adequações a cada contexto sócio-discursivo, falado ou escrito. Segundo Araújo (2004, p. 99):

O Orkut é uma grande comunidade online que conecta pessoas através de uma teia de amigos “confiáveis”, proporcionando uma espécie de ponto de encontro virtual, assemelhando-se a um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses que os nossos. Como se pode ver, está na gênese do Orkut propiciar que se façam novos amigos, além de recuperar antigas amizades que a dinâmica natural da vida as tenha levado para outras direções.

Trabalhar o Orkut em sala de aula é extremamente válido, neste mecanismo encontraremos as famosas comunidades, que são espaços virtuais onde pessoas que detenham algo incomum podem se comunicar e conhecerem outros amigos, o fato é que criar uma comunidade na qual o aluno de uma escola possa discutir com outro, de sua mesma faixa etária, é muito relevante. O mesmo mecanismo ainda pode ser utilizado pelos docentes com objetivo de se integralizarem com outros de sua mesma área específica, debater idéias, discutirem tendências e atividades inovadoras, conversar de modo informal com os alunos, realizando uma prática pedagógica que privilegie o aprendizado do educando.

2.4 O Suporte Textual: Blog

O blog; página da web atualizada com frequência; é um gênero discursivo no qual agrupa vários gêneros. O conteúdo e tema dos blogs abrangem uma infinidade de assuntos, diários eletrônicos, fotografias, receitas, notícias, links, idéias, tendências políticas sociais, entre outras de preferência. Nele o leitor pode interagir, deixando recados ou avaliando a qualidade do blog. Afirma Sarmento (2008, p. 30-32) que:

Muitos blogs são pessoais e exprimem sentimentos ou idéias do autor, (...) resultam da colaboração de um grupo de pessoas que se reúnem para atualizar um mesmo blog. Alguns blogs visam à diversão, outros são utilizados para o trabalho e há os que juntam diversão e trabalho.

Os blogs representam uma (...) forma de comunicação.

Sendo assim, o blog além de servir como forma de comunicação, também serve como instrumento de interação, pois os internautas de diferentes regiões podem trocar idéias, expor suas aspirações, entre outras opções. Além disso, muitos blogueiros, no espaço virtual, produzem textos riquíssimos, e de uma forma relaxada. Afirmo Komesu (2005, p. 23), que:

O blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem todo o texto veiculado pela internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais.

O blog é uma realidade usual pelos nossos jovens, e precisa ser conhecido e utilizado pelos professores. Os textos divulgados por estes muitas vezes tornam-se uma produção poética super atrativa, que pode sensibilizar o assunto do dia-a-dia a ser passado, ou até mesmo podendo ser colocado em uma avaliação. É necessário que os nossos educandos entendam que seus textos estão também repletos de normas gramaticais, que tudo aquilo que estes estudam muitas vezes em frases soltas podem e devem ser produzidos por eles.

Protagonizar um ensino de língua dentro da realidade textual de nossos alunos é um grande passo a ser dado pelos nossos mestres, bem como precisa ser obtido urgentemente ou nossos educandos continuarão com grandiosas dificuldades ao serem avaliados por uma produção textual, ou uma análise gramatical, tarefas que devem se tornar um hábito na vida de qualquer estudante.

3 Metodologia da pesquisa

Para realização deste trabalho, utilizou-se uma abordagem teórico-metodológico de caráter exploratório, a fim de perceber na prática disciplinar o conhecimento dos professores em relação à temática pesquisada, bem como o trabalho dos mesmos com os gêneros textuais.

O mencionado estudo foi realizado em duas escolas públicas municipais de Parnaíba-PI, com objetivo de observar como na prática as escolas pesquisadas trabalhavam o uso dos gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa, principalmente daqueles mediados pelo computador, chamados de gêneros digitais. Além disso, foi analisada a prática pedagógica dos professores desta disciplina, bem como a metodologia escolhida para sensibilizar os alunos a interpretar e produzir textos. Entretanto, observou-se que muitos educadores continuam se restringindo apenas à gramática normativa em sala de aula. Para Bagno (2007, p.65) o ensino de língua portuguesa ainda é tradicionalista:

O ensino de língua ainda é feito com base em dogmas, preceitos e regras que nada têm de científicos e esse é o seu maior defeito. Fomos habituados a aprender e a ensinar português como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação.

Analisou-se, portanto, um fenômeno comum entre os jovens na educação básica, o não gosto pela leitura correspondente pela escrita. Esse é o objeto neutro da pesquisa, bem como a observação dos objetos que o compõem, como tal uma aula desmotivadora e cansativa de gramática, distante da língua falada pelos locutores. Os gêneros textuais invadiram a vida das pessoas, eles estão expressos nos jornais, revistas, torpedos, e-mails. Se trabalhados em sala pelo professores tornariam o ensino mais atrativo.

Para efetivar a pesquisa utilizara-se técnicas de coleta de dados, no que tange a observação-participante em aulas de língua portuguesa, e uma entrevista semiestruturada, descrevendo a percepção dos professores a respeito dos citados gêneros e como se dava a utilização destes dentro da prática pedagógica individual de cada educador.

As técnicas de pesquisas utilizadas foram: observação participante e questionário estruturado.

3.1 Observação-Participante

Dos dias 1º de setembro de 2009 a 30 de novembro do mesmo ano foram observadas 8 (oito) aulas de cada professor, somando 64 (sessenta e quatro) horas observadas, as quais foram ainda acompanhadas de fichas para evidentes anotações e abstrações relevantes segundo o olhar dos pesquisadores. Nesse sentido, Bagno (2007, p.43) esclarece a respeito do fichamento:

É um velho método de coleta de dados, documentado até antes de Cristo! É quando o pesquisador pega uma ficha e vai anotando nela os principais dados que encontrar à medida que for consultando a fonte [...] isso lhe servirá muito na hora da elaboração do texto e da bibliografia que irão sustentar a pesquisa.

Esse tipo de observação possibilitou um grande conhecimento acerca da temática pesquisada: *o uso dos gêneros textuais em aulas de língua portuguesa*, pois foi através desta que percebemos como os professores concebem e utilizam-se de tais gêneros para conduzi-rem seus alunos a um hábito de leitura e, conseqüentemente, de escrita. Este momento constituiu-se de possível neutralidade entre pesquisador e objeto de pesquisa, onde este primeiro não interviu em nenhum momento na prática dos professores ou a qualquer distração por parte dos alunos. O pesquisador ficou inerente a qualquer indagação, correspondendo ao ideal metodológico do projeto de pesquisa, que era investigar ao máximo de neutralidade como acontece a prática pedagógica diária de tais educadores.

3.2 Questionário

A outra técnica utilizada para a coleta de dados foi o questionário, instrumento que objetivou fazer questionamentos sobre o trabalho pedagógico e metodológico dos educadores dentro da sala de aula. Além de organizar as respostas ali colocadas, o questionário teve por finalidade, obter um maior número de dados em um curto espaço de tempo. A respeito da técnica do questionário, Bagno (2007, p.45) afirma; “o questionário é um modo bastante didático de dirigir a pesquisa. Querendo responder ao máximo de perguntas o pesquisado recorrerá ao máximo de fontes possíveis o que é bom.”

No instrumento de pesquisa citado, tanto a prática pedagógica, quanto a concepção e uso dos gêneros e a recepção dos mesmos por parte dos alunos serão analisados pelo professor através de perguntas simples e objetivas.

Com o questionário respondido, iniciou-se o processo de análise dos dados. Primeiro a constatação entre o questionário e a técnica utilizada da observação neutra dos pesquisadores que foram arquivados em fichas para a tabulação dos referentes dados.

4 Resultados e Discussão dos Dados Relativos à Pesquisa

A pesquisa científica de cunho exploratório foi realizada em duas escolas municipais de Parnaíba, PI. Foram pesquisados um total de oito professoras, todas licenciadas em Letras Português, atuantes em todo o Ensino Fundamental Maior, duas por séries.

Ao questionar as profissionais entrevistadas, com exemplos práticos do que seriam os gêneros textuais, é possível identificar uma falta de noção entre o que seria gênero ou tipologia textual. Aqui diferenciada por Isenberg apud Marcuschi (1978, pag. 566):

Tipo textual: é tomado aqui como um construto teórico que abrange, em geral, cinco ou seis categorias designadas narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Gênero textual: é uma forma concretamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos. Isto se expressa em designações diversas, constituindo em princípio de listagens abertas.

Dessa forma, percebe-se que tipologia textual é concretamente formada por cinco tipos de textos: a argumentação, a exposição, a narração, a descrição e a injunção, já os gêneros textuais é um subgrupo de como estes textos se apresentam. Seja uma carta, uma receita ou uma mensagem de torpedo todos estes mecanismos são considerados gêneros textuais. Entretanto, grande parte das professoras pesquisadas, e que não souberam identificar as citadas diferenças, já detém mais quinze anos de profissão, como se pode observar na figura (01) seguinte:

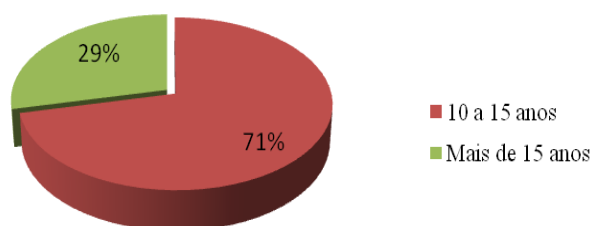


Figura 01: Tempo de atuação dos professores pesquisados

Dados relativos à pesquisa PIBIC/UESPI

Elaboração dos autores, Gerson Sousa Félix Teixeira, Nathalee Paloma Souza Vieira

Cidade: Parnaíba 2009/2010

Apesar de a maioria das professoras não saberem identificar as diferenças entre gêneros e tipologias textuais percebe-se que elas acham importante o trabalho com os gêneros textuais. Este dado contrasta-se com a observação feita por nós, pesquisadores, onde apenas

10% das professoras trabalharam utilizando alguns desses gêneros, entre eles destacaram-se as notícias jornalísticas comentadas e as letras de músicas. As atividades foram exploradas de modo a fazer uma revisão para o assunto da prova, ou seja, uma frase era colhida e ali feita análise gramatical. O que outra vez contrasta-se com o princípio de ensinar utilizando gêneros textuais para sensibilizar o aluno a produção, isto é, o número mínimo de professoras que trabalharam utilizando os gêneros fez explorando a gramática textual, deixando outra vez a aula enfadonha e descontextualizada. A seguir observa-se que 100% das professoras denotam importante o uso dos gêneros textuais em aulas de língua portuguesa, mesmo que dificilmente os ponham em prática.

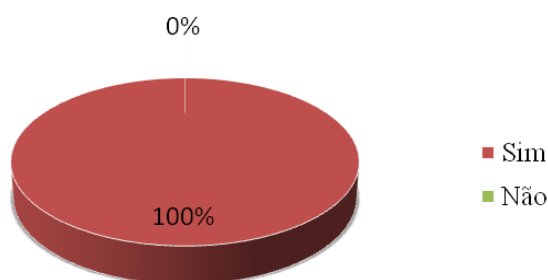


Figura 02: Importância do trabalho com os gêneros textuais

Trabalhar com gêneros é muito mais que uma perspectiva de modismo, mas uma postura urgente que o educador deve ter com seu público. Comprometer-se com um ensino de língua, na qual, parte-se do contexto para a teoria, deixando de trabalhar com língua portuguesa de forma estática e partindo para um ensino prático. Afirma Bronckart (1999, p. 103) que, “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.” Quando o educador realiza um trabalho contextualizado utilizando os gêneros textuais, é muito mais fácil para o aluno entender o texto e possivelmente interpretá-lo.

Na próxima figura as educadoras respondem o porquê da importância de trabalharem com os gêneros textuais. Nesta pergunta procuramos saber se as mesmas entendiam a proposta do trabalho com os gêneros, vale refletir esse dado entendendo que se comprovou que apenas 10% destas trabalhavam efetivamente com o tema citado, mas todas as professoras responderam a esta indagação, ou seja, mesmo que não trabalhem com os gêneros elas entendem que é importante explorá-lo em sala de aula. Percebe-se ainda, que nas respostas das profissionais não há uma visualização do trabalhar com os gêneros para melhorar a oralidade dos educandos, para desenvolver o domínio da escrita e a interpretação de textos.

Entretanto, notifica-se que a metade das profissionais entendem que os gêneros textuais, quando trabalhados, tornam o ensino contextualizado.

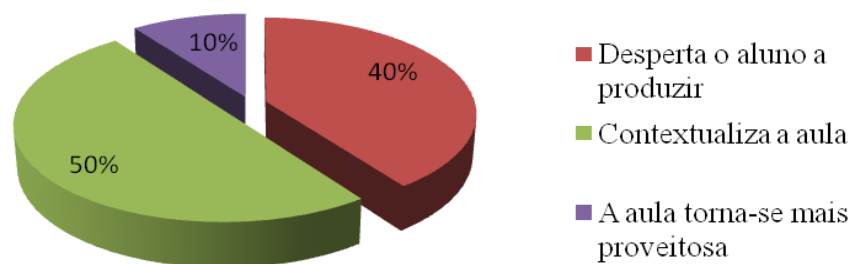


Figura 03: O porquê da importância do trabalho com os gêneros

Outra pergunta feita no questionário entregue as professoras foi: quais os gêneros mais trabalhados pelas mesmas em suas aulas. Atingiu o maior índice de trabalhos realizados os cartazes, poesias e contos. Seguido por matérias jornalísticas, a carta e o bilhete, ficaram dentre os mais votados. Na observação realizada pelos pesquisadores identificou-se que apesar de ser pouco trabalhado, o bilhete, tem bastante recorrência em sala de aula pelos alunos, que se comunicam a todo tempo durante a aula. É comum vê-los passarem recadinhos uns aos outros, se este gênero fosse trabalhado pelo professor tanto geraria curiosidade por saber o que está escrito nele, quanto se tornaria uma atração feita pelos alunos e analisada em sala de aula.

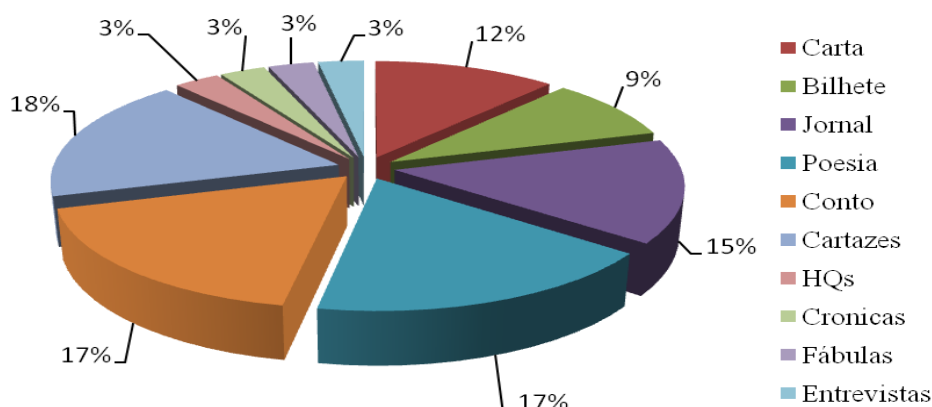


Figura 04: Quais os gêneros mais trabalhados pelos professores.

O próximo questionamento objetiva analisar quais são as dificuldades de se trabalhar utilizando os gêneros textuais. Este questionamento foi respondido de acordo com as situações mais recorrentes por cada professor ao trabalhar com os gêneros.

Ao seguir a análise, observa-se que as instituições de ensino incentivam os professores a trabalharem com gêneros textuais, por sua vez existe uma desmotivação ou certo desinteresse por parte dos alunos em relação ao trabalho em língua portuguesa, a discussão do por que dessa desmotivação geraria outra pesquisa científica.

Cerca de 13% dos profissionais relataram que trabalham somente com conteúdo gramatical, dado que necessita de uma reflexão maior, pois o professor de língua portuguesa ao trabalhar a gramática distante do texto, ou de uma produção realizada pelo o aluno, não está realizando um trabalho contextualizado e dinâmico da língua, mas por sua vez uma prática cansativa e desmotivadora do estudo da língua portuguesa.

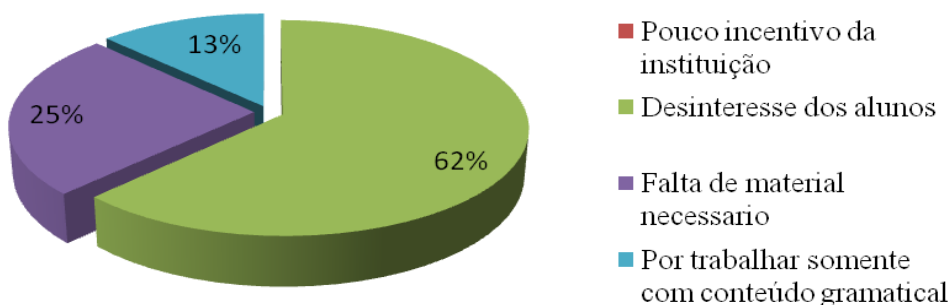


Figura 05: Dificuldades no trabalho com os gêneros textuais.

Os principais motivos que levam os professores a não se sentirem capacitados a trabalharem os gêneros digitais em suas aulas está a questão da falta de recursos financeiros da escola e a ausência de capacitações específicas para os docentes. Muitas instituições de ensino não têm sequer materiais didáticos suficientes para atender os educandos quanto mais recursos da área da informática, como o computador. A pesquisa apontou que 12% dos professores não se sentem preparados a trabalharem esses gêneros, pois faltam computadores, acesso a internet, entre outros, 62% apontaram ainda que muitos alunos não sentem interesse nas aulas quando estes gêneros são trabalhados. O que mostra uma concepção errônea, já que o uso dos gêneros textuais são de fundamental importância para desenvolver competências lingüísticas e habilidades comunicativas.

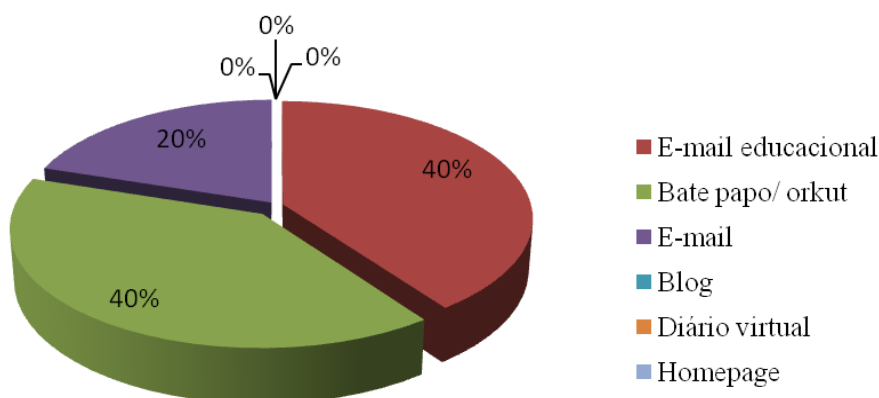


Figura 06: Gêneros mediados pelo computador que o professor mais utiliza.

Devido a todos esses fatores, como carência de recursos financeiros, falta de capacitações específicas, pouco interesse dos alunos (como mostra a figura 08), ficou constatado que 88% dos professores (figura 07) não se sentem preparados a trabalharem com os gêneros digitais, em sala de aula. Segundo os PCN's (1999, p. 32):

No processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Isto significa que ensinar língua portuguesa é mostrar as múltiplas realizações da linguagem, inclusive, as da internet, meio cada vez mais presente no âmbito social, a fim de levar o educando a construir formas adequadas de comunicação, fazendo-o compreender a real função da língua, a de ser instrumento de comunicação, de divulgação de valores e, sobretudo, de expressão social.

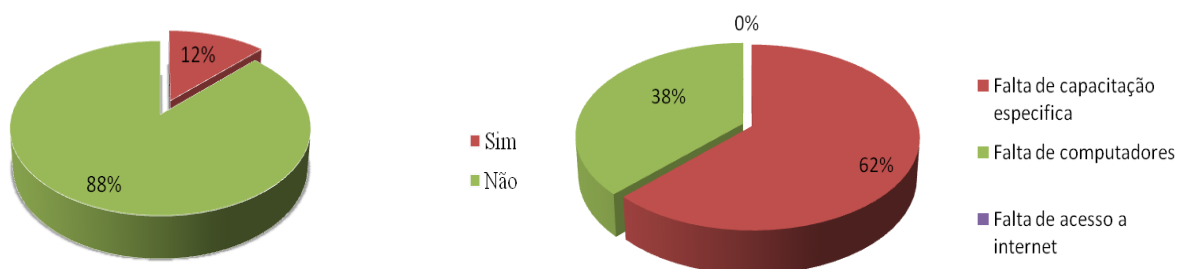


Figura 07 e 08, respectivamente.

Figura 07: O professor está capacitado a trabalhar com os gêneros digitais.

Figura 08: Por que os professores não estão capacitados a trabalhar com os gêneros digitais.

5 Considerações Finais

Em virtude da relevância dos gêneros textuais em seus mais diversos usos e funções sociais, devemos levar em conta que uma aula de Língua Portuguesa pode abranger uma dinâmica reflexiva e mais aberta a cada contexto social que a envolve; ampliando, assim, a construção de novas formas de conhecê-la, de expressá-la, recriando-a de acordo com exemplos práticos do cotidiano.

Exemplificamos, então que, um professor de Português pode trabalhar as tipologias textuais como a descrição, narração e dissertação como partes integrantes dos gêneros. Na carta e no bilhete, por exemplo, podem ser analisadas e exploradas as estruturas gramaticais, mas de forma a trazer um ensino inovador que possibilite ao aluno uma interação significativa com o texto, com as relações que o envolve, além de contribuir para o enriquecimento das habilidades textuais, pois através destas o aluno terá um maior desempenho na leitura e escrita.

Entretanto, na prática de muitos docentes a utilização destes gêneros tem sido por bastante em baixa escala, o ensino da Língua Portuguesa tem se dado longe da realidade usual dos educandos, o que acarreta um afastamento do aluno pela disciplina, algo comprovado pelas centenas de estudantes que na hora de desenvolver um texto próprio apresentam inúmeras dificuldades, principalmente em expressar pelas palavras o contexto em que ele observa. Portanto, a dificuldade não está na falta de conhecimento sobre o tema, mas sim na sistematização deste conhecimento.

O grande objetivo de trazer um ensino de língua portuguesa utilizando os gêneros textuais e digitais é aproximar a língua escrita pelos alunos com o seu contexto social. Torna-se desgastante uma aula de gramática em torno de exemplos repetitivos e distantes do vocabulário significativo e utilizado pelo aluno, reduzindo o valor da própria gramática, que não deve se tornar um livro de leis obrigatórias nem um manual de instruções, mas antes uma sistematização da língua falada por seus interlocutores.

A prioridade da compreensão da Língua Portuguesa está em saber expressá-la na linguagem verbal e não verbal, oral e escrita, recontando e/ou reescrevendo textos de acordo com os vários gêneros existentes no contexto social, adequando estes a cada série, chamando o aluno a falar, a questionar a realidade que o cerca, o que não acontece na prática das escolas pesquisadas, as quais não estão contemplando os gêneros textuais em suas aulas, e consequentemente, não está havendo, nos educandos, o desenvolvimento das habilidades textuais e comunicativas.

Referências

- ARAUJO, Júlio César. O que meu aluno faz nesse tal de Orkut? **Vida Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical, ano 3, n.9, 2006, p.29-32.
- BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**: O que é como se faz. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação: **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. 2009.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Taisa Ferreira, 1999. 360p.
- CEREJA, William Roberto. THEREZA, Cochar Magalhães. **Português Linguagens**. 4. ed. São Paulo: Atual, 2004. 384p.
- DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). et. al. **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- XAVIER, Antônio Carlos (Org.). et. al. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.
- MARCUSCHI, Luis Antonio. **Gêneros textuais**: o que são e como se classificam? Recife, Loyola, 2000. 115 f.
- SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de Redação**, Moderna. São Paulo, 2008, 472p.